



## **Manuais da felicidade: uma análise discursiva dos livros de autoajuda<sup>1</sup>**

Geilson Fernandes de OLIVEIRA<sup>2</sup>

Marcília Luzia Gomes da Costa MENDES<sup>3</sup>

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Mossoró, RN

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo apresentar discussões referentes a nossa proposta de pesquisa que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH/UERN, a qual visa analisar os discursos da felicidade presentes na literatura de autoajuda. Trabalhamos com a perspectiva de que em um contexto marcado pela efemeridade, volatilidade e o individualismo, os discursos de autoajuda atuam como mecanismos que trazem respostas para as dúvidas e anseios dos sujeitos, principalmente em um momento assinalado pelo imperativo da felicidade. Assim sendo, aqui expomos os pressupostos teórico-metodológicos que norteiam a pesquisa e apresentamos análise preliminar, na qual identificamos que tais discursos são permeados por mecanismos de poder e carregados de intenções, entre as quais destacamos o intuito de governamentalizar os sujeitos, tornando-os úteis e dóceis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discursos da felicidade; literatura de autoajuda; governamentalidade.

### **A autoajuda como um sintoma social**

A contemporaneidade vem sendo marcada por fortes transformações sociais e culturais, dentre as quais podemos notar com maior nitidez a perda de referências dos sujeitos, proporcionando novos modos de ser e estar na sociedade, assinalados pela instabilidade que se instaura em nosso cotidiano, marcado por novos estilos de vida,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 08 – Estudos Interdisciplinares do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

<sup>2</sup> Graduado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: [geilson\\_fernandes@hotmail.com](mailto:geilson_fernandes@hotmail.com).

<sup>3</sup> Orientadora. Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) e do Departamento de Comunicação Social (DECOM) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Líder do Grupo de Pesquisa Informação, Cultura e Práticas Sociais. E-mail: [marciliamendes@uol.com.br](mailto:marciliamendes@uol.com.br).



novos padrões de gênero, de família, dentre diversos outros novos aspectos em todas as instâncias sociais.

Para alguns autores (HALL, 2005; KAPLAN, 1993, CHAGAS, 1999), tais características fazem parte do período denominado como pós-moderno<sup>4</sup>, que traz em seu cerne a crise das ideologias que dominaram todo o século XX, além de novas condições sociais e culturais. Nesse período, pode-se notar novas abordagens nas ciências, nas artes, arquitetura, cinema, música, enfim, em todas as instâncias da vida cotidiana.

É nesse contexto que surgem os livros de autoajuda como grandes *Best Sellers*, vendendo através de seus discursos a realização pessoal, profissional e emocional. Permeada pelo individualismo, na contemporaneidade grande parte da população busca soluções eficazes e rápidas para os seus problemas e anseios. É nesse momento que cresce a procura por obras com conteúdo de autoajuda, frente à constante busca pela felicidade e realização pessoal, que sempre é prometida aos leitores desse tipo de literatura.

O culto ao individualismo, marca de nosso tempo, pode ser, pressupomos, um dos aspectos que favorecem o surgimento dos anseios e angústias dos sujeitos, a ponto destes últimos recorrerem aos produtos do gênero de autoajuda objetivando uma busca a um tipo de saber e conhecimento que possa lhes trazer respostas e posterior saída do momento vivido.

Os primeiros registros da literatura de autoajuda podem ser encontrados ainda no século XIX, no momento em que se consolida o culto à singularidade do indivíduo moderno, quando ele passa a ter um valor central na cultura ocidental. Esse novo sujeito, segundo Chagas (1999) nasce “como resultado do desenvolvimento do individualismo moderno e do deslocamento dos referenciais coletivos para o individual” (CHAGAS, 1999, p. 34).

De acordo com o autor, este foi um fenômeno cultural de massa, impulsionado pelas novas estruturas das sociedades industriais capitalistas, que trouxeram consigo mudanças no que se refere ao mercado, ao consumo, e, sobretudo na cultura tradicional, na qual o sujeito já não podia mais se orientar, “visto que os referenciais coletivos não

---

<sup>4</sup> O uso do termo pós-modernidade tornou-se corrente na atualidade, todavia, ainda existem controvérsias quanto a sua conceituação, assim como a sua pertinência.



oferecem mais um mundo seguro, ordeiro e estável” (CHAGAS, 1999, p. 34). Diante desse novo contexto social, o sujeito volta-se para si próprio, objetivando sobreviver subjetivamente e transcender as limitações aparentes de si em prol da competitividade com os demais, enfrentando as adversidades de seu mundo, onde cresce cada vez mais o progresso técnico-científico, as competições e o consumo individualista.

A crescente expansão da literatura de autoajuda nos tempos correntes pode ser vista antes de tudo como um sintoma social, quando consideramos que estendeu-se ao máximo o culto ao individualismo, afastando os sujeitos de tudo e de todos. Essa literatura torna-se um evangelho para pessoas que creem não ter mais nada em que se apoiar. De acordo com Rüdiger (1996), essa é a expressão mais nítida do isolamento e do subjetivismo que a nossa sociedade pós-industrial alcançou. Para o autor, é o entronamento do egocentrismo de nossa era, de uma doutrina “hiperindividualista”.

Buscando conquistar os seus leitores, os temas que são explorados pelos escritores do gênero são sedutores e buscam despertar em seu público a motivação para o tão esperado sucesso nas mais distintas áreas da vida, seja para aprender, para encontrar êxito pessoal ou profissional, emagrecer, conquistar parceiros, etc. Fazendo uso do poder da palavra, os escritores utilizam técnicas e estratégias que visam persuadir o leitor de que após a leitura da obra, ocorrerão mudanças positivas, e que tais mudanças só dependem de você mesmo. Os autores apregoam o discurso de que a força de vontade pode fazer verdadeiros milagres, e que seus livros são receituários para que eles ocorram.

Para Chagas (1999) e Rüdiger (1996), as técnicas difundidas em larga escala pelos livros de autoajuda proporcionariam aos seus leitores formas de lidarem com as questões que são colocadas pela atualidade, como o enfrentamento de seus problemas pessoais. De acordo com os autores, é um gênero que a seu modo responde aos seus leitores sobre as situações concretas que são vivenciadas. Vale ressaltar que esse tipo de literatura tem se tornado, ao mesmo tempo, um dos produtos de maior sucesso e repercussão na indústria cultural.

Diante do inegável sucesso de vendas e repercussão, torna-se pertinente a realização de um estudo que analise discursivamente as obras do gênero, objetivando uma reflexão sobre as suas condições de produção e circulação. Assim, o nosso estudo é



realizado enquadrado na problemática que envolve uma reflexão das condições produtivas, contexto social, ideologias e micropoderes presentes nas mensagens de autoajuda. Como método, utilizamos dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de orientação francesa.

### **Revolução do individualismo e novas técnicas da felicidade**

Propagando resoluções e aconselhamentos por meio de seus discursos, os livros de autoajuda podem ser considerados sucesso absoluto de vendas em vários países, inclusive no Brasil. Enquanto possível parte da “revolução do individualismo” (GILBERTO VELHO, 2002) que marca a época em que vivemos, a literatura de autoajuda põe em cena técnicas do que o pesquisador Freire Filho (2010) denomina como novas ciências da felicidade.

Conforme Chagas (1999), os livros do gênero podem ser caracterizados como aqueles que através de seu discurso visam contribuir para a educação espiritual do homem e o auxiliarem no seu crescimento enquanto sujeito. A busca incessante do ser humano pela felicidade, bem que tornou-se um imperativo, é o principal motivo do grande sucesso de vendas das obras que possuem tal perspectiva. Em um momento em que as fronteiras são diluídas face aos processos de globalização, ocasionando a perda de referências, a instabilidade das identidades e emoções (HALL, 2005) e o individualismo, o mal do século torna-se o vazio existencial, a depressão, sintoma social que Chagas (1999) prefere denominar como “falta de amor generalizado”.

É nessa conjuntura que muitas editoras aproveitam o que poderíamos chamar de carência coletiva, ou a necessidade exacerbada de novas referências que possam orientar os indivíduos frente ao caos emocional generalizado e lançam frequentemente obras que possam preencher e dar conta daquilo que os sujeitos já não têm mais controle – o domínio de suas vidas. E ao que observamos, ao difundirem novas técnicas da felicidade, as editoras conseguem atingir seus objetivos.

A fragmentação do meio social é uma das características da contemporaneidade, ou como alguns autores preferem - pós-modernidade -, que reflete diretamente na vida dos sujeitos. Cova (1997, p. 28) afirma que o pós-modernismo pode ser compreendido



como sendo um momento de grande dissolução social, afetada pelo exclusivismo e o individualismo. Ainda de acordo com o autor, o indivíduo passou a ser um nômade de si mesmo e do seu próprio tempo, não possuindo mais vínculos sociais duráveis, como acontecia em tempos anteriores. Conforme o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, vivenciamos um momento de liquidez, assinalado principalmente pela insegurança, ansiedades e angústias.

Diante desse cenário, surgem novos estilos de vida, novos modos de pensar, sentir e agir, um novo estado de coisas que tem influências diretas sobre os sujeitos:

Em última análise, o surgimento de *novos estilos de vida* acaba afetando a produção, o trabalho e o dia-a-dia de cada indivíduo. Acelera-se o ritmo de vida, da produção, do consumo, das operações financeiras, dos serviços e da comunicação. Os valores se transformam: o que valia ontem não serve mais para hoje e os valores de hoje poderão não ser mais empregados no dia de amanhã. Esse estado de coisas acarreta, ao contrário de concepções antigas, *novos* modos de estar no mundo, de *pensar, sentir e agir*. Sendo assim, ao que se entende, parece mesmo ser esse um dos destinos do indivíduo pós-moderno, isto é: viver intensamente em busca de medidas paliativas para superar as agruras da vida, para aplacar seu *mal-estar* oriundo do cenário pós-moderno (CHAGAS, 1999, p.33. Grifos do autor).

Com o objetivo de encontrar medidas paliativas para enfrentar o mal-estar encontrado no cotidiano, os sujeitos são atraídos por um tipo de linguagem persuasiva e atraente. Por meio de um discurso sedutor, os escritores dos livros de autoajuda procuram demonstrar que possuem um domínio absoluto sobre os temas tratados, visando passar a ideia de que é uma autoridade máxima no assunto abordado. A ausência das incertezas nesse tipo de discurso permite ao sujeito que enfrenta dificuldades, a sensação de segurança e bem estar que é tão almejada.

Enquanto se difundem, não proporcionalmente surgem estudos e pesquisas sobre esse fenômeno. De acordo com Freire Filho (2010), tal constelação de receituários massificados permanece ainda, relativamente ignorada pelos pesquisadores do campo acadêmico. Partindo dessa premissa, a promoção desses estudos podem ser de grande importância para a academia, uma vez que analisarão a constituição e a circulação desses discursos no momento corrente, caracterizado pela velocidade das mudanças nos



comportamentos e ações dos sujeitos que constituem a sociedade, sendo de suma importância a observação de como esses discursos podem governamentalizar os sujeitos.

Defendendo a tese de que tais questões não podem ficar à margem dos estudos acadêmicos e que tal temática é merecedora de maiores reflexões dada a sua complexidade, elegemos para este estudo como objeto empírico duas obras do gênero de autoajuda para a análise de seu discurso: *Treinando a emoção para ser feliz* (2007) e *12 semanas para mudar uma vida* (2007)<sup>5</sup>, ambas do escritor brasileiro Augusto Cury<sup>6</sup>.

A análise da constituição e circulação dos discursos presentes na literatura de autoajuda é de suma importância para compreendermos a contemporaneidade, bem como a busca incessante dos sujeitos pelo bem estar subjetivo, um dos objetivos mais importantes da atualidade. A necessidade dessa investigação pode ser também justificada pela compreensão dos mecanismos que engendram o “boom” do discurso da felicidade presente nos manuais de autoajuda, bem como pela pertinência de se observar e analisar os biopoderes (FOUCAULT, 1972) existentes nestes discursos, que atuam como uma forma de gerenciamento e governo dos comportamentos e ações.

### **A era do surto do aconselhamento e da felicidade modo de usar**

A recorrência da literatura de autoajuda é um fenômeno em expansão. Conforme dados da Câmara Brasileira do Livro (CBL), o segmento de autoajuda cresceu, em nosso país, de 5% a 10% ao ano entre 1996 e 2006. De acordo com os dados da CBL, em 2006 cerca de 600 livros do gênero foram lançados, compreendendo desde o universo corporativo até obras de autoajuda infantil (*apud* FREIRE FILHO, 2010, p. 16).

Considerando estes dados, é possível afirmar que "a literatura de auto-ajuda constitui uma das mediações através das quais as pessoas comuns procuram construir

---

<sup>5</sup> A escolha por tais obras dá-se devido a seu grande sucesso e repercussão no seu período de lançamento, ficando por algum tempo entre as obras mais vendidas do país.

<sup>6</sup> A escolha pelo autor dá-se pelo fato de suas obras como um todo já terem vendido mais de 16 milhões de exemplares somente no Brasil e ter sido publicado em mais de 60 países. Além disso, Augusto Cury foi considerado pela Folha de São Paulo o autor mais lido no Brasil na última década.



um eu de maneira reflexiva, gerenciar os recursos subjetivos e, desse modo, enfrentar os problemas colocados ao indivíduo [...]” (RÜDIGER, 1996, p.14).

Do sucesso na carreira profissional ao êxito amoroso, as obras colocam em cena o discurso de que não existe mais nenhum domínio da existência humana que não possa ser aprimorado. Assim, dão a uma massa de leitores ávidos, novas estratégias e técnicas de fácil compreensão que possam maximizar a sua existência subjetiva. A felicidade torna-se então um imperativo (BIRMAN, 2010), e surge uma indústria do bem-estar e do aprimoramento pessoal, originando o que Freire Filho (2010) denomina como técnicas da felicidade. Para o autor, vivemos na era da reprodutibilidade científica da felicidade, onde existe um verdadeiro império dos manuais de autoajuda, nos quais a manifestação da certeza é um dos seus traços semânticos. No entanto, uma ponderação deve ser feita, este imperativo muitas vezes impulsiona a produção de sujeitos cronicamente felizes.

As transformações sociais e culturais das sociedades ditas pós-modernas desestabilizaram os quadros de referências existentes até então (HALL, 2005). As identidades fixas e estáveis que antes sustentavam a sociedade encontram-se hoje em declínio, surgindo ao mesmo tempo, identidades que deixam o sujeito cada vez mais fragmentado e instável (HALL, 2005). Nesse cenário de intensas mudanças, ocorre o deslocamento ou descentramento do sujeito, “[...] tanto de seu lugar no mundo social e cultural quando de si mesmos [...]” (HALL, 2005, p. 9).

As rápidas modificações (sociais, econômicas, culturais, técnico-científicas, etc) fazem emergir um mundo essencialmente instável, que tem como consequências fortes efeitos psicológicos na vida dos sujeitos, defende Chagas (1999). A descartabilidade, volatilidade e efemeridade intensificam a fragmentação dos sujeitos, que agora buscam na autoajuda soluções para seus anseios.

Possuindo uma linguagem de caráter prescritiva, os manuais de autoajuda propõem estratégias para se vencer na vida e superar os obstáculos, mas, ao mesmo tempo, constituem-se ainda como dispositivos pelo qual, conforme Rüdiger (1996), as “massas urbanas articulam sua conversão ao individualismo” (p. 238). Na perspectiva do autor, a “procura por salvação dentro de um coletivo cedeu lugar à procura solitária pela satisfação do interesse próprio” (RÜDIGER, 1996, p. 238).



A própria nomenclatura do gênero remete ao individualismo, uma vez que o termo autoajuda pode ser entendido como um método de busca e aprimoramento particular no qual o sujeito objetiva, sem a ajuda de *outrem*, soluções para os seus anseios. Neste aspecto, notamos a presença do individualismo como uma de suas principais características, assim como é defendido por Rüdiger (1996).

Sendo visto como um dos pilares que sustentam o gênero, o individualismo é enquadrado por Lipovetsky e Serroy (2011) como parte constituinte da era do hiperconsumo. Os autores fazem uso do termo hiperconsumo para caracterizar “uma nova revolução consumista em que o equipamento concerne essencialmente aos indivíduos: o computador pessoal, o telefone móvel, o iPod, o GPS de bolso, os videogames, o smartphone” (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 56-57). Neste contexto, o mercado produz para o consumo e satisfação particulares. Entretanto, a sociedade do hiperconsumo é também a civilização da felicidade paradoxal (LIPOVETSKY, 2007, p. 17), tendo em vista que apesar dos altos índices de consumo, a satisfação pessoal torna-se momentânea. Além disso, tais índices contribuem para um vazio existencial, que vai necessitar consequentemente de formas de aconselhamentos encontrados nos livros de autoajuda.

Bauman (1998, *apud* CHAGAS, 1999) acredita que a necessidade de respostas é uma das características do indivíduo pós-moderno, defendendo que “a pós-modernidade é a era dos especialistas em identificar problemas, dos restauradores da personalidade, dos guias de casamento, dos livros de auto-afirmação: é a era do surto de aconselhamento” (BAUMAN, 1998, *apud* CHAGAS, 1999, p.32).

Nesse contexto, guias e métodos para viver melhor fervilham, a televisão e os jornais destilam conselhos de saúde e de forma, os psicólogos ajudam os casais e os pais em dificuldade, os gurus que prometem a plenitude multiplicam-se. Alimentar-se, dormir, seduzir, relaxar, fazer amor, comunicar-se com os filhos, conservar o dinamismo: qual esfera ainda escapa às receitas da felicidade? Passamos do mundo fechado ao universo infinito das chaves da felicidade: eis o tempo do *treinamento* generalizado e da felicidade “modo de usar” para todos (LIPOVETSKY, 2007, p. 336-337).

Corroborando com as reflexões de Lipovetsky (2007), Bauman (2007) visualiza a contemporaneidade como resultante da insegurança e da incerteza, sendo que





ambos nascem de um sentimento de impotência. “[...] parecemos não estar mais no controle, seja individual, separada ou coletivamente [...]” (BAUMAN, 2007, p. 32).

A literatura de autoajuda está dessa forma intrinsecamente relacionada à redução da autonomia dos sujeitos. Assim sendo, o gênero pode ser entendido como uma das formas atuais de controle e governo dos cidadãos, o que nos remete ao conceito de biopolítica e governamentalidade do francês Michel Foucault (1972). A partir de suas reflexões sobre o poder, Foucault (1972) promove um deslocamento na forma de se observar e analisar o poder, que antes era visto de forma vertical.

Para o autor, o poder está em todas as partes, em todas as práticas, nos mais diferentes níveis. Fundamentado nos conceitos de Foucault, Domingos (2009) afirma que o poder se reveste de duas formas principais: a disciplina e a biopolítica: “a disciplina é caracterizada pelo adestramento do corpo; corpo-máquina; gestão da vida incidindo sobre os indivíduos. Enquanto a biopolítica pode ser caracterizada pela gestão da vida incidindo sobre a população enquanto espécie e se dirige ao homem-vivo, homem-espécie” (DOMINGOS, 2009, p. 19).

Assim sendo, pelo viés metodológico da Análise do Discurso de orientação francesa, a qual tem grande contribuição dos estudos e das reflexões desenvolvidas por Michel Foucault, analisamos o discurso da felicidade presente na literatura de autoajuda, atentando para os seus mecanismos de poder.

### **A produção de sujeitos cronicamente felizes: Algumas considerações**

Neste artigo nos propomos a apresentar discussões referentes à pesquisa que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas – PPGCISH/UERN. A partir de leituras e análises realizadas até o momento, evidencia-se cada vez mais a pertinência de tal estudo, levando-se em consideração a crescente recorrência dos discursos de autoajuda em todos os âmbitos da sociedade, passando a constituir a felicidade como um imperativo.

As condições de produção e circulação desses discursos cada vez mais se explicitam. Vivemos em um momento em que o coletivo cada vez mais perde lugar para

o individualismo. Em um contexto onde a efemeridade, a descartabilidade e a volatilidade tornam-se constantes, assim como o descentramento dos sujeitos, fatores que podem ser vistos como partes das sociedades ditas pós-modernas, que impõem novos modos de ser e estar.

É nessa conjuntura que os sujeitos voltam-se para a literatura de autoajuda, objetivando encontrar em seus discursos respostas para aquilo que eles já não possuem mais domínio: a sua própria vida. Conforme é colocado pelos livros de autoajuda, ser feliz é algo simples, fácil de ser conseguido. Para isso, basta querer e seguir aquilo que é dito, aconselhado. Neste sentido, tais obras podem ser vistas como receituários que afirmam trazer fórmulas para a felicidade, que está nas mãos e só depende daquele que o lê.

Neste regime discursivo da felicidade, ser infeliz, mesmo que momentaneamente, é algo visto somente como negativo, sendo logo visto como uma patologia. É nesta perspectiva que tais discursos, colocados como um imperativo, podem produzir sujeitos cronicamente felizes, o que pode se apresentar posteriormente como um problema de ordem subjetiva.

Nas obras eleitas para análise, notam-se tais aspectos. Em *Treinando a emoção para ser feliz* (CURY, 2007), evidencia-se um discurso de treinamento para a felicidade, tal qual encontramos em manuais e receituários. A felicidade é colocada não como algo momentâneo, mas como um bem que quando “treinado” e objetivado pode tornar-se vitalício. De igual modo, em *12 semanas para mudar uma vida* (CURY, 2007), mais uma vez evidencia-se o aspecto de treinamento, com um tempo pré-determinado para o mesmo. É afirmado que após esse período – as doze semanas – o sujeito que seguir todos os passos encontrará a felicidade, e caso continue seguindo as orientações propostas pelo treinamento, poderá também tornar a felicidade em algo perene.

Ao observarmos tais aspectos, é possível perceber que estes discursos são permeados por micropoderes, mesmo que colocados de forma implícita, tendo em vista que segundo Foucault (1972) os mecanismos de poder não se colocam de forma impositiva ou radical, pois dessa forma jamais atingiriam os seus objetivos, mas buscam condições favoráveis. Nos discursos das obras analisadas, evidenciam-se aspectos da governamentalidade, bem como a intenção de produzir sujeitos úteis e dóceis, de tal



modo que quem não corresponde a tais discursos, é visto a partir de um viés medicalizado. Nesta perspectiva, podemos dizer que na atualidade, os dispositivos disciplinares e a biopolítica produzem efeitos de naturalidade, visando a captura dos indivíduos através dos mecanismos de poder, neste caso, por meio dos discursos da literatura de autoajuda.

Diante disso, em uma análise preliminar, observamos que os livros de autoajuda podem ser vistos como dispositivos que objetivam a produção e governo de corpos dóceis e úteis. Daí, a necessidade e importância da análise dos discursos que são promovidos pela literatura de autoajuda.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BIRMAN, Joel. Muitas felicidades?! O imperativo de ser feliz na contemporaneidade. In FREIRE FILHO, João. (Org.). **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

CHAGAS, A. T. S. **A ilusão no discurso da auto-ajuda e o sintoma social**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.

COVA, B. Community and consumption: towards a definition of the linking value of products or services. **European Journal of Marketing**, v. 31, nº 3/4, p. 297-316, 1997.

CURY, Augusto. **Treinando a emoção para ser feliz**. São Paulo: Academia de Inteligência, 2007

CURY, Augusto. **12 semanas para mudar uma vida**. São Paulo: Academia de Inteligência, 2007.

DOMINGOS, J.J. **Discurso, poder e subjetivação**: uma discussão foucaultiana. João Pessoa: Marca de fantasia, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 21ed. São Paulo: Loyola: 2011.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 1972.

FREIRE FILHO, João. (Org.). **Ser feliz hoje**: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

GREGOLIN, Maria do Rosário. (Org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.



HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KAPLAN, E. Ann. (Org.). **O mal estar no pós-modernismo**: teorias e práticas. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LIPOVETSKY, Gilles.; SERROY, Jean. **A cultura-mundo**: resposta a uma sociedade desorientada. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). Tradução de Bethânia Mariani et al. In: GADET, F e HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Pêcheux. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 61-161.

RÜDIGER, Francisco. **Literatura de auto-ajuda e individualismo**. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 1996.

VELHO, Gilberto. Felicidade à brasileira. In: **Mudança, crise e violência**: política e cultura no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 189-197.